

---

## Fidelino de Figueiredo como Bibliotecário

MARIA ARMANDA DE ALMEIDA E SOUSA

Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

**N**A profissão — hoje indispensável — de bibliotecário, a evolução da sua missão muito tem progredido. Inicialmente emerge do Renascimento como necessidade social que surge devido à invenção da tipografia. Até então havia, quando muito, guardiões dos livros manuscritos. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, o bibliotecário era um erudito, um representante de excepcional relevo da cultura. Todavia sem especificação definida e ainda sem a percepção da necessidade de transmitir e comunicar conhecimentos. São exemplo desta asserção, elevada ao exagero, os bibliotecários alemães Leibniz e Lessing, filósofos e pensadores geniais, respectivamente dos séculos XVI-XVII e XVIII, que se permitiam, um tanto abusivamente, restringir e individualizar para seu uso próprio o acesso às bibliotecas que tinham a seu cuidado, considerando-as quase como feudos seus. Leibniz na cidade de

Hanover e Lessing na de Wolfenbüttel.

Com o decorrer do tempo, já no século XIX, o perfil do bibliotecário vai adquirindo novos contornos. Num vislumbre da futura missão pedagógica das bibliotecas, o profissional destas vai exercendo, progressivamente, funções de assistência aos estudiosos. A partir do século XX, começa já a generalizar-se a sistematização e a organização científica — até aí incipientes e existentes só em casos isolados — dos conhecimentos acumulados através dos séculos.

O bibliotecário, de erudito que era, vai-se transformando, com o apoio das técnicas que vão surgindo, em transmissor dos conhecimentos humanos quaisquer que sejam. Assim, se pelo saber adquirido, pôde contribuir, como fator e construtor, para as estruturas culturais de determinada civilização, a sua acção não se pode, nem deve, limitar à de simples arauto. As novas tecnologias

invadem presentemente o nosso quotidiano e o bibliotecário assume ser o agente em grande parte responsável pela comunicação das culturas de diferentes níveis científicos e sociais, tornando-as acessíveis às várias classes da sociedade e a todos os graus etários. A justa medida está, portanto, na contínua aquisição de conhecimentos e na propagação destes.

O protótipo de um tal profissionalismo é plenamente encarnado na figura de Fidelino de Figueiredo que, no seguimento de António Ribeiro dos Santos, a par com Raul Proença, então chefe dos serviços técnicos da BNL, se insere na linha dos bibliotecários ilustres e evoluídos que se preocupam com o *modus faciendi* de melhor servir os utentes de uma biblioteca.

**O bibliotecário, de erudito que era, vai-se transformando, com o apoio das técnicas que vão surgindo, em transmissor dos conhecimentos humanos quaisquer que sejam.**

Fidelino de Figueiredo (1888-1967), natural de Lisboa, pensador de influência anteriana, iniciou a sua carreira de literato com obras de ficção, mas notabilizou-se principalmente na crítica literária e na historiografia. Exerceu com brilho a docência liceal e universitária. Aquela em Faro e Lisboa, esta em Espanha (Madrid) e no Brasil (S. Paulo) e

noutros países. Dedicando a sua atenção, com espírito crítico, à investigação documental, valorizou-a em bases científicas, sendo considerado como ensaísta, crítico literário e historiógrafo, um dos homens de letras portuguesas do seu tempo de maior repercussão além fronteiras.

**Actuou como administrador e como bibliotecário, tendo de travar combate em muitas frentes.**

Foram dois, mas muito curtos (1918-1919; 1927), os mandatos que desempenhou como director da Biblioteca Nacional<sup>1</sup>. A sua actuação deixou porém, favoravelmente, marcas indeléveis e profundas, mau-grado a hostilidade e afrontas do então Inspector, o escritor Júlio Dantas.

Actuou como administrador e como bibliotecário, tendo de travar combate em muitas frentes. A irresponsabilidade do pessoal menor, médio e superior e a sua má distribuição nas tarefas que lhe eram atribuídas, aliadas à incúria que deixou que o lixo se amontoasse por todos os lados e que a bicharada destruísse riquezas bibliográficas de grande valor, algumas insubstituíveis, foram motivo de uma luta sem tréguas contra incompreensões e uma má vontade deliberada por parte de alguns. Apesar disso, a sua acção foi profícua e visível. Despachou inúmeros assuntos pendentes,

desembaraçando o expediente acumulado. Deu resposta, sempre que ainda viável e oportuna, a correspondência chegada dezasseis anos antes!

Resumindo.

Dedicou especial cuidado à dignificação do pessoal e inspeccionou, um a um, os vários sectores da Biblioteca Nacional, promovendo nestes a limpeza, a recuperação e o restauro do recheio bibliográfico, negligenciado ou danificado, e das suas instalações para que a principal «instituição verbetada do saber» do nosso País retomasse com respeitabilidade na sociedade portuguesa o papel que lhe competia e o prestígio que perdera.

Isto na área da administração.

**Dedicou especial cuidado à dignificação do pessoal e inspeccionou, um a um, os vários sectores da Biblioteca Nacional, promovendo nestes a limpeza, a recuperação e o restauro do recheio bibliográfico, negligenciado ou danificado, e das suas instalações para que a principal «instituição verbetada do saber» do nosso País retomasse com respeitabilidade na sociedade portuguesa o papel que lhe competia e o prestígio que perdera.**

Sob o ponto de vista biblioteconómico, impulsionou a execução de um regulamento interno da Biblioteca Nacional e restituiu a esta a sua dignidade de biblioteca erudita, discriminando a sua função da de uma biblioteca popular, cuja acção não se deveria emiscuir na finalidade científica de uma biblioteca destinada à pesquisa dos estudiosos. Promulgou o registo da propriedade literária, até então inoperante. Reorganizou o depósito legal, ao tempo designado por depósito obrigatório, etc.

A sua política de gestão foi muito além do programa que impusera a si próprio, pois removeu toda a espécie de dificuldades para que a Biblioteca Nacional readquirisse a sua própria identidade e consequentemente a sua quase plena funcionalidade. Embora algumas das suas atitudes e medidas tomadas possam, hoje, ser refutadas, é inegável que «arrumou» a casa desinteressada e eficientemente.

#### Nota

<sup>1</sup> Veja-se Fidelino de FIGUEIREDO — *Como dirige a Biblioteca Nacional: Fevereiro de 1918 a Fevereiro de 1919*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1919.